A CEARENSIDADE DE ALCÂNTARA NOGUEIRA, PROFESSOR E HISTORIADOR DE IDÉIAS

José Borges de Sales

Queremos neste encontro cultural recordar a figura singular de **Francisco Alcântara Nogueira,** filho de Alfredo Nogueira de Paiva e de Maria Alcântara Nogueira, nascido, em Iguatu, a 15 de abril de 1919. Caso se encontrasse, ainda, entre nós, completaria neste último 15 de abril 72 anos de idade.

Todos os confrades do Instituto do Ceará o conheceram, muitos privaram do seu convívio e alguns de sua amizade. Era **Alcântara Nogueira** de estatura mediana, franzino de corpo, pobre de músculo e rico de neurônios. Falava em voz alta, mesmo em conversa coloquial, num jorro de palavras, acompanhadas de gesticulação calorosa e expressiva. Dotado de espontânea e brilhante eloqüência atendia com galhardia as solicitações e enfrentava corajosamente temas difíceis e polêmicos com rara sabedoria. Na ausência de tempo para estudo ou reflexão improvisava em torno de uma proposição e com a expressividade de sua palavra e a riqueza de sua dialética convência o auditório atento à sua convincente exposição.

Favorecido de viva inteligência e de excepcional curiosidade destacou-se dentro de seus colegas, durante o curso primário e o de formação humanística. Ao compulsar compêndios de História Natural sentiu-se atraído por certas indagações. Não achava respostas nos livros de estudos, nem o professor lograva esclarecer-lhe às dúvidas. Encontrou na pessoa do Dr. Manuel Batista de Oliveira, culto médico e humanista residente em Iguatu o desvanecedor dessas incertezas e seu encaminhamento para as primeiras leituras no campo da filosofia.

Nessa busca por novos conhecimentos deparou-se-lhe o temerário mundo do evolucionismo estruturado por Charles Darwin. Julgou, então, encontrar o apanágio para suas indagações no campo das idéias.

Era muito moço e já estudava no Rio de Janeiro, quando publicou seus primeiros trabalhos, em suplementos de jornais literários. Despertaram esses ensaios curiosidade em torno de seu nome e de seus conhecimentos sobre Spinoza. Reuniu essas publicações em **Opúsculos de Filosofia** (três dissertações sobre o pensamento Spinozista), em 1938. Contava apenas 19 anos.

Cursava a Faculdade de Direito, estudava com desvelo e com dedicação buscava no campo do pensamento especulativo explicações para as dúvidas, que o acompanhavam.

Publicou **Três Valores do Espírito,** em 1944; **Universo,** em 1950; **Idéias Vivas e Idéias Mortas,** em 1957 e **O Pensamento Filosófico de Clóvis Beviláqua,** em 1959.

A crítica expecializada aclamou com louvores essas publicações, que marcavam o amadurecimento especulativo de **Alcântara Nogueira** e mostravam seu valor cultural e sua dedicação ao universo das indagações filosóficas. Evidência essa opulenta bibliografia no campo do pensamento a procura desse estudioso em encontrar a certeza para seus questionamentos.

Residia no Rio de Janeiro. Dedicava-se ao ensino de disciplinas do curso de Direito, exercia função em autarquia da Previdência e atividades no campo partidário da política. Cultivava amizades e destacavam-se do ciclo de suas relações mais aproximadas os nomes de Clóvis Beviláqua, Hermes Lima, João Mangabeira, Paulino Jasper e Djacir Menezes. Casara com Dona Alexandrina Seneraro Nogueira, de ascendência italiana e enriquecera seu lar com a chegada de seis filhos.

O ano de 1964 anunciava inquietantes procelas. Decidiu, então regressar à terra de seus ancestrais, ao seu nostálgico Ceará. Sentenciara José Américo de Almeida, em um de seus discursos que "Voltar é uma forma de renascer. Ninguém se perde na volta". E **Alcântara** voltou para ficar.

Ingressou no magistério da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará. Dedicou-se ao ensino e aos estudos de indagações filosóficas. Podia divergir, mas Spinoza era o fulcro de suas perquirições. São dessa fase as seguintes publicações: **O Método Racionalista Histórico em Spinoza,** em 1976; **Filosofia e Ideologia,** em

1979; **Conceito de Ideológico do Direito na Escola do Recife,** em 1980 e **Poder e Humanismo,** em 1989. Encontra-se no prelo da Forense o ensaio intitulado: **Direito: Origem e Evolução.**

Voltou-se, também para leituras das obras de Farias Brito e Rocha Lima, numa demonstração clara da cearensidade de seu espírito e para buscas históricas sobre sua cidade natal. Revelou essa teluricidade na monografia **Iguatu.**

Era **Alcântara Nogueira** um telúrico cheio de nostálgicas reminiscências. Lembrava o calor abrasador de seu cálido sertão e recordava as rodas de cadeiras nas calçadas, nas primeiras horas da noite, as conversas sobre assuntos do cotidiano, enquanto aguardava as primeiras lufadas do vento, apelidado de Aracati, que amenizava o desconforto da temperatura lassa e estafante.

Não olvidara o Jaguaribe de sua infância, suas cheias impetuosas e os poços em depressões de seu leito, quando as águas deixavam de correr; as crônicas vetustas e curiosas de Quixelô e o lugarejo primitivo, núcleo da povoação, vila e cidade de Telha e a mudança de denominação para Iguatu, por Lei de 1883.

Voltou-se Alcântara Nogueira para as raízes de sua gente. Investigou a história e a geografia, legando ao Ceará essa memorável monografia – Iguatu (Memória sócio-histórico-econômica), em 1962. Há uma 2ª edição de 1985.

Firmado em documentação oficial, em publicações diversas, na tradição oral e em acontecimentos vivenciados recordou fatos históricos de natureza social, econômica e política ao escrever a memória da terra do seu berço.

Buscou interpretar o processo dinâmico bem como o relacionamento desses fatos com a forma de viver desses indivíduos em comunidade. A história de Iguatu, na sua opinião, é o evolver de um processo, que afirmava e negava, progredia e regredia, semelhante à história de todos os homens; uma luta sem trégua para obter a verdadeira liberdade de pensar e decidir, de trabalhar sem submissão, de viver plenamente sem a angústia das necessidades ditadas pela condição econômica.

Monografia estruturada em documentos autênticos, em busca e pesquisas demoradas, escritas em linguagem apurada e com o intuito sadio de ser fiel aos acontecimentos analisados. Relembrou personalidades marcantes da vida da comuna e recordou nomes esquecidos como o de Belisário Alexandrino, dos Lima Verde, os antigos Intendentes, os primeiros Prefeitos do Município, distinguindo então nomes quais o de Dr. Batista de Oliveira, que se destacou como médico dedi-

cado aos seus clientes; do Dr. Carlos Gouveia, sergipano integrado à comunidade e construtor do Hospital Santo Antônio dos Pobres de Dr. José Mendonça Neto, o 13º Prefeito Municipal e o de Dr. Agenor Gomes de Araújo.

Com autenticidade e coragem, analisou esses períodos administrativos baseados em fatos e documentos. Assinalou erros e acertos. Feriu, com sua crítica sincera, sensibilidades e amizades de muitos anos. Revelou-se pesquisador de muitos méritos e um historiador inconstestado.

Ocorreu, em 1978, o centenário de morte de Raimundo Antônio da Rocha Lima e a cearensidade de Alcântara Nogueira enfrentou o tema, publicando o ensaio **O Pensamento Cearense na Segunda Metade do Século XIX.** Com pertinácia e teimosia colheu pormenores desconhecidos da vida de Rocha Lima. Resaltou sua opinião no tocante à independência do movimento cearense da Academia Francesa em relação da Escola de Recife. Demonstrou que Rocha Lima aceitava o romance como a mais significativa forma de expressão literária.

Publicou os opúsculos **Farias Brito e a Filosofia do Espírito** e a **Diversidade e unidade do Pensamento filosófico em Farias Brito,** concluindo esses estudos com a seguinte afirmação: "a filosofia e a ciência são dois imensos ramos que se exigem e se completam indissoluvelmente, na formação de todo o saber humano".

Achamos por bem ressaltar neste ensejo, a cearensidade e a teluricidade do intelectual que foi Alcântara Nogueira, quando recordamos sua avultada obra filosófica, a par de sua figura marcante de professor, merecedora dos mais justos encômios.